

Alexsandra dos Santos Barbosa¹
Patrícia Helena Carvalho Holanda²

Annales School, interdisciplinarity and history of mentalities: paths that enable research on women's history

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo investigar a relação entre o movimento historiográfico da Escola de Annales em todas as suas fases com a História das Mulheres por entender que tal acontecimento possibilitou, ao longo do tempo o surgimento e a aceitação acadêmica de novas fontes de pesquisa. Para tanto, foi feito levantamento referencial cuidadoso com grandes especialistas na referida Escola como o historiador Peter Burke em seu livro intitulado A Escola dos Annales (1929-1989), assim como pesquisadores que fizeram parte da Escola como Jackes Le Goff e Michelle Perrot. O texto que aqui se afigura faz parte de uma pesquisa maior que investiga o uso das redes sociais pelo movimento cyberfeminista de modo que compreender como a história das mulheres se fez interesse acadêmico é um dos seus eixos. Como resultado inicial da pesquisa, é possível inferir que as novas fontes apontadas pela terceira geração dos Annales influenciou pesquisas sobre história das mulheres na França e anos depois em outros países como o Brasil.

Palavras-chave: Escola de Annales. Interdisciplinaridade. História de mulheres.

Abstract:

The present article aims to investigate the relationship between the historiographical movement of the Annales School in all its phases and the History of Women, understanding that this event enabled, over time, the emergence and academic acceptance of new sources of research. To this end, a careful reference survey was carried out with major experts in the aforementioned School, such as the historian Peter Burke in his book entitled The Annales School (1929-1989), as well as researchers who were part of the School, such as Jackes Le Goff and Michelle Perrot. The text presented here is part of a larger research that investigates the use of social networks by the cyberfeminist movement, so that understanding how women's history became of academic interest is one of its axes. As an initial result of the research, it is possible to infer that the new sources highlighted by the third generation of Annales influenced research on women's history in France and years later in other countries such as Brazil.

Keywords: Annales School. Interdisciplinarity. Women's history.

1 Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Licenciada em Filosofia (UFC), Professora de Filosofia na EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima. E-mail: alexsandrabarbosademoraes@gmail.com

2 Pós-Doutora na área de concentração de Desenvolvimento Profissional Docente pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNB, Estágio Sênior Bolsista-CAPES na Universidade de Lisboa, Professora Titular em Psicologia da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. E-mail: patricia.holanda@ufc.br

1. INTRODUÇÃO

Discutir e pensar a história das mulheres é um movimento relativamente novo visto que a história que se tem acesso é contada por homens e muitas vezes enfatizam relações institucionais "que dá, frequentemente, a impressão de acumular desencontros" (BURGUIÈRE, 2013, p. 143). Lembro que quando estava no Ensino Médio e ouvi uma professora de História comentando alguns acontecimentos como por exemplo, a invasão europeia ao território brasileiro fiquei pasma com o ponto de vista que ela colocava, durante todo o Ensino Fundamental nenhum outro professor tinha falado dos estupros que aconteceram as mulheres indígenas brasileiras e de como houve luta e resistência por parte dos povos originários. Naquele momento soube que não sabia muita coisa, mas apenas recentemente, durante o mestrado, anos e anos depois de sair da escola, tive acesso a conhecimentos sobre a História das Mulheres e pude perceber como a nossa história não é contada.

Michelle Perrot, uma das escritoras de História das Mulheres no Ocidente, livro que é referência no assunto, disse em uma conferência em 1994 que "muitas mulheres afastadas do meio acadêmico afirmaram que ora sentiram-se mal ao lerem o livro, ora ficaram felizes com a existência deles" (PERROT, 1994, p. 16). Ela aponta que é como se subitamente essas mulheres tomassem consciência de suas identidades. Nem podemos mensurar quantas de nós não temos essa consciência, quantas de nós não temos a oportunidade de "cair a ficha" sobre nossa própria história.

Nesse escrito, será recomposto alguns acontecimentos históricos que facilitaram, abriram caminho para que hoje exista uma tese sendo construída, assim como muitos outros trabalhos sobre História das Mulheres. Pelas pesquisas levantadas, a escola de Annales, criada em 1929 na França influenciou mudanças na forma de fazer ciências, principalmente as ciências sociais. Para Burguière (2013, p. 146) "Os fundadores dos Annales incitaram os historiadores a sair dos gabinetes ministeriais e das câmaras parlamentares para irem observar, "ao vivo", os grupos sociais, as estruturas econômicas, em somar, abordar cada sociedade em busca de sua profundidade". Isso mudou os passos da historiografia abrindo possibilidades de uso de novas fontes como as que serão usadas na tese que por hora ainda se configura, oportunizou que grupos antes esquecidos pela história tradicional tivessem vez.

Apesar da participação feminina na escola dos Annales ser restrita a uma de suas fases e de termos consciência que a escola era formada por homens possivelmente brancos e héteros, é possível perceber que houve alguma abertura de pensamento para a discutir a reconstrução da história das mulheres, assim

como aconteceu com os operários, e outros grupos na França "o burguês em sua cidade, o camponês em seu casebre, o fidalgo em seu castelo, o francês, enfim, em meio a suas ocupações, seus prazeres, no seio de sua família ou junto a seus filhos" (Burguière, 2013, p. 141). O mesmo pode acontecer no Brasil com o movimento negro, por exemplo. Não é o interesse entrar em detalhes sobre a história dos Annales, nem a de seus fundadores ou líderes, mas de compreender como o movimento influenciou a forma de fazer pesquisa agora, no contexto histórico que vivemos.

2. BREVE HISTÓRIA DOS ANNALES

Os fundadores da escola de Annales foram os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre que se conheceram em um contexto histórico bastante complicado para a humanidade, mas que para eles foi favorável à criação de novas ideias. Os dois se conheceram em 1920 na Universidade de Estrasburgo. Devido às complicações políticas por conta da guerra, "a universidade respirava um clima intelectual renovado e particularmente aberto a mudanças, fora o vivo diálogo interdisciplinar que se tornará possível nesta instituição em virtude da concentração historiadores, sociólogos, filósofos e geógrafos" (BARROS, 2010, p. 08- 09).

Pesquisando sobre a história dos Annales é possível perceber que a própria escola ou "movimento de renovação historiográfica, teria surgido com o intuito de fazer uma história total, centrada no homem e suas relações com o meio" (MATOS, 2013, p. 71). O britânico Peter Burke é uma grande referência sobre o assunto. Em seu livro *A escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia* ele faz um belo aporte dos acontecimentos que marcaram a história dos Annales. Logo no início da obra o autor mostra a diferença entre os dois principais nomes da chamada primeira geração dos Annales, Lucien Febvre e Marc Bloch, o primeiro era "expansivo, veemente e combativo" (BURKE, 1997, p. 20) e o segundo era "sereno, irônico e lacônico" (BURKE, 1997, p. 20) e talvez por serem uma espécie de opostos complementares, trabalharam juntos por vinte anos e foram separados apenas pela morte de Bloch em 1944 fuzilado pelos nazistas.

Sobre a morte de Bloch, é preciso ter em mente que os Annales foram atravessados pelas grandes guerras de forma muito trágica e que isso certamente mexeu com a estrutura e o pensamento dos que tiveram a frente da escola em diversos períodos. Bloch e Febvre serviram na primeira guerra, Bloch foi convocado na primeira guerra e se voluntariou para a segunda, onde foi assassinado. Já Febvre precisou pausar sua pesquisa sobre geografia histórica para ser capitão em uma companhia de artilharia. Em 1922, quando já estava em Estrasburgo, conseguiu publicar o trabalho.

Ainda sobre as relações de Bloch e Febvre na universidade, eles tiveram muitas discussões com pessoas de outras áreas das ciências humanas, mas cada um deles tinha suas predileções, que certamente marcaram seus trabalhos posteriores e suas influências na postura de cada um ao longo suas trajetórias como líderes da revista. Bloch tinha bastante interesse pela sociologia e fortes inclinações pelas ideias de Durkheim, mas as conversas com o sociólogo Maurice Halbwachs que estudava sobre a estrutura social da memória o deixavam impressionado. Febvre considerava importante as ideias do psicólogo social Charles Blondel, porém a geografia era uma de suas áreas de interesse. A questão é que todas essas aproximações tiveram resultados marcantes nas obras dos fundadores da escola de Annales.

Fato importante em Bloch que fez toda a diferença nos caminhos abertos para o modo de fazer ciência no nosso tempo foi o pioneirismo que ele provou ter em alguns assuntos. Os Reis Taumaturgos é um trabalho que perpassa, entre outras coisas, a temática da psicologia da crença, o que já aponta seu 'pé no futuro'. Para Burke (1987, p. 24.) "não era algo que se podia esperar de um estudo histórico dos anos 20, era um tema para os psicólogos, sociólogos ou antropólogos". Além de ter sido também um forte precedente para o que ficou conhecido como história das mentalidades, tema que será apresentado de maneira mais detalhada, a obra se encaixa também na famosa antropologia histórica.

No que diz respeito a comparação enquanto metodologia, o pioneirismo de Bloch atravessou o tempo e chegou na Universidade Federal do Ceará, na Linha de História e Educação Comparada do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Em sua pesquisa nos anos 1920 o autor comparou o comportamento das pessoas em relação a crença dos reis terem o poder de curar seus súditos, a comparação se deu entre países e entre temporalidades distintas justamente por que "a comparação é feita de maneira a permitir a constatação das diferenças" (BURKE, 1997, p. 25). É justamente isso que a Linha proporciona, buscar aproximações e distanciamentos. Ao longo do escrito será visto mais influências destas temáticas inovadoras do ponto de vista historiográfico no desenvolvimento das pesquisas que estão sendo feitas.

Com todas as características marcantes dos fundadores de Annales, a revista surgiu com o objetivo de "promover uma nova espécie de história (BURKE, 1997, p. 11). Desde o começo foi planejada para ser grande, para ir além de ser mais uma outra revista histórica e já pretendia ser uma liderança intelectual. Febvre já havia pensando em uma revista anteriormente, mas foi ao lado de Bloch que as coisas ganharam dimensões reais e ultrapassaram o status de revista e passou a ser visto como um movimento.

Para Barros (2010, p. 01) "alguns dos principais aspectos que constituem a identidade dos Annales como movimento: a interdisciplinaridade, a problematização da História, e as novas proporções nas formas de conceber o tempo". O fato de ser revista ou movimento, ou ser os dois é menor do que toda a influência que tiveram nas ciências humanas.

A fundação e a presença de Bloch e Febvre, caracterizou a primeira geração dos Annales. Depois do assassinato de Bloch em 1944, Febvre liderou sozinho por um tempo, mas com a ajuda de alguns se seus pupilos intelectuais com destaque para Fernand Braudel, considerado um filho por Febvre. Logo depois Braudel marcou, praticamente sozinho, a cara da segunda geração dos Annales. Braudel tinha muitas pretensões e teve, ao longo do tempo, muito poder entre os historiadores franceses, influenciou pessoas e contribuiu para que Annales ficasse conhecida pela Europa. Antes de marcar a segunda geração, morou por dois anos no Brasil, lecionando na Universidade de São Paulo. Para ele foram anos felizes e sua estadia aproximou nosso país das ideias que desenvolveu nos seguintes sua passagem.

Braudel centrou-se sob os conceitos de estrutura e conjuntura, história serial e de longa duração. Pensou sobre a construção de uma história total, representada pelo alargamento do conhecimento histórico para outros campos e também para outros objetos, tinha como objetivo mostrar que a história poderia estudar qualquer coisa. Há críticas que apontam que a história total se tornou uma História em Migalhas quando se tornou "fragmentada, alienada, que não contribuiria para o diálogo das diferenças sociais, e sim para a exposição antiquária de objetos diferentes em plena pós-modernidade" (DOSSE, 1987, *apud* BARROS, 2010, p. 07)

Braudel anunciou novos tempos aos Annales com toda a disposição e dedicação à escola e ao movimento, era um intelectual de visão e contribui para transformar a noção de tempo e de espaço. Assim como seus antecessores, foi atravessado pela segunda guerra mundial e em um campo de prisioneiros escreveu parte de um de seus livros. Sempre fiel às lições de seu mestre desejava pensar uma totalidade social, ver o todo. A ideia era integrar o político, o econômico, o social e o cultural para assim ter acesso a uma espécie de inteireza. Para ele, "o único problema a resolver é demonstrar que o tempo avança com diferentes velocidades" (BURKE, 1987, p. 42).

O Mediterrâneo de Braudel representa uma quebra de paradigmas quando retira do rei a figura de centralidade de sua pesquisa e enfoca o mar, o tempo, o espaço, as modificações sofridas pela natureza graças às mudanças ou permanências humanas. Foi além dos acontecimentos na tentativa de compre-

ender as estruturas e assim desenvolveu a ideia de longa duração. Daí é possível entender o motivo pelo qual Braudel é impaciente com as fronteiras, sejam elas regionais ou científicas. Outra característica da obra é a pesquisa interdisciplinar, o uso de fontes não literárias, mapas e outros modos de perceber a vida. Diante disso vemos também a influência de Febvre em sua obra e o gosto dos dois pela geografia.

Braudel foi orientador de muitos dos autores da geração seguinte a sua, como por exemplo Emmanuel Le Roy Ladurie. É consenso que traçar um perfil da terceira geração dos Annales é mais desafiador, alguns chegam a pensar que houve uma quebra de continuidade da escola. Ora, na primeira fase com Bloch e Febvre, apesar de discordarem em alguns assuntos, eram apenas dois para representar a revista ou o movimento; a segunda, monopolizada por Braudel também não tem grandes dificuldades de ser analisada visto que ele esteve sempre muito atento aos acontecimentos ao seu redor; mas a terceira fase foi marcada por outras questões sociais e políticas que possivelmente influenciaram o *modus operandi* dos que estavam à frente.

Como aponta o Professor José Costa Barros (2010, p. 20) "novos tempos começaram a trazer novos padrões historiográficos, novas aberturas, retornos e possibilidades, e também incertezas para os historiadores no que se refere à natureza do conhecimento que produzem na sociedade". O historiador sobre os Annales, Peter Burke, coloca que possivelmente o movimento de maio de 1968 influenciou o comportamento da terceira geração da escola.

A terceira fase é marcada pela grande diversificação de objetos, o campo histórico passou a não ter mais os mesmos limites, isso foi possível graças aos caminhos abertos pelos Annales das gerações anteriores. A preocupação com a cultura, com o social com as dimensões além das econômicas se tornaram mais latentes. Quando a história da sociedade se limita a vida pública muitos grupos sociais são deixados de lado em prol de que se fale sobre personalidades como se essas representassem a verdade. A Nova História é a afirmação de que a sociedade é muito maior do que o que está documentado até então.

A geração na Nouvelle Historie foi a primeira a incluir mulheres. Nomes importantes como Christiane Klapisch, Arlette Farge, Mona Ozouf e Michelle Perrot marcaram presença entre os demais autores. As gerações anteriores já haviam sido criticadas pelas feministas por deixarem as mulheres fora da história, incluíram o mar e as tradições, mas deixaram metade da sociedade de fora. Perderam a oportunidade de nos ajudar a contar a nossa história de forma mais integral. Isso lembra o que diz Tedeschi (2014, p. 17): "é difícil pensar como a história construiu barreiras

tão fortes que excluíram as mulheres enquanto objeto de conhecimento histórico". Burke no livro sobre a história dos Annales diz que:

A história das mulheres, por exemplo, tem se desenvolvido não só na França, mas também nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Holanda, Escandinávia, Alemanha ocidental e Itália. A história geral das mulheres, planejada por George Duby e Michelle Perrot, está sendo escrita não para a editora francesa, mas para a Laterza. Há mais do que um centro de inovação ou centro nenhum (BURKE, 1987, p. 64).

O livro sobre História das Mulheres no Ocidente que fala Burke foi publicado em 1990 e é hoje referência no assunto. Mesmo o autor reconhecendo toda a expansão das mulheres enquanto objeto de estudo e citando a presença delas entre os Annales, escolheu gastar apenas dois parágrafos de seu livro para falar das mulheres na terceira geração usando como argumento não fragmentar o capítulo. Apesar disso, Michelle Perrot (1994) pareceu grata à escola, se dizendo pertencente a uma geração cujos mestres foram Labrousse e Braudel e que os preceitos dos Annales, os horizontes, são os mesmos dela.

Nenhuma das outras gerações foi tão criticada como a terceira, mas é ela que mais se aproxima da história cultural da qual temos ciência hoje enquanto conjunto de atitudes e códigos comportamentais tendo consideração pela diversidade de classes e o reconhecimento das variações de sujeitos de cada uma delas. É descentrada, principalmente mais longe das instituições e dando espaço para as discussões sobre pessoas reais. Para Burke a maioria contribuição dos Annales foi a ampliar o território da história, abrangendo áreas do comportamento humano e grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais, isso tudo vinculado à descoberta de novas fontes e novos métodos.

O receio de que a História se perdesse de si mesma não fazia sentido nesse contexto. Graças a disposição interdisciplinar, característica que perpassa todas as gerações dos Annales, a revolução historiográfica foi possível, revolução essa comparada a Revolução Francesa por Burke. Para repensar os diálogos entre as disciplinas e como isso caracterizou a escola durante o tempo, será discutido de modo mais aprofundado a relação dos Annales com a Interdisciplinaridade.

3. ANNALES E INTERDISCIPLINARIDADE

Interdisciplinaridade é um termo que ganhou destaque no Brasil nos últimos anos e até já evoluiu de conceito, se expandiu quando a partir dela surgiu a multidisciplinaridade e até a transdisciplinaridade. O objetivo no momento não é conceitualizar o que venha a ser cada um desses termos, mas compreender como a interdisciplinaridade passou a fazer parte da

identidade dos Annales e como até hoje ela, ou os conceitos advindos dela inicialmente, contribuem e influenciam no modo de fazer ciência.

Não é consenso que a postura dos Annales ou seu gosto pela interdisciplinaridade tenha alguma relação com o positivismo comteano. Matos (2013, p. 72) por exemplo entende que a escola tinha o objetivo de embater a história tradicional "erroneamente chamada positivista" já Burguière (2013, p. 144) contextualizando a terceira geração diz que "combatendo arduamente a história positivista, a Nouvelle Histoire transformou-se em história social. Compreendo que todos os acontecimentos históricos influem de algum modo na vida das pessoas e que não seria diferente no que se refere na produção de conhecimento. Mesmo que as ideias sejam inconscientemente opostas, a oposição não deixa de existir.

Como Bloch e Febvre foram os primeiros Annales a ter contato direto com outras disciplinas e é visível suas relações com elas e como os dois afirmaram ao longo de seus trabalhos a importância deste diálogo, seus sucessores já tinham uma base, um bom exemplo de como seguir. Estudando a história dos Annales é possível perceber que a interdisciplinaridade é algo que os atravessaram, seja ela através do viés da geografia, psicologia, filosofia, literatura, sociologia, etnologia e antropologia. Para Burguière (2013) a partir dos Annales houve um renascimento da antropologia histórica, que também abriu caminhos para novas pesquisas interdisciplinares.

Febvre reivindicou para os historiadores o direito e o dever de se preocupar com o presente, antes tarefa exclusiva da etnologia. O etnólogo usa fontes orais e é a mesma metodologia usada para trabalhos sobre determinados grupos sociais. Houve uma reconciliação entre história e etnologia e etnologia e antropologia. Este movimento não deixa de ser interdisciplinar e modificou a visão das pessoas que fazem pesquisa. Para Burguière (2013, p. 153) a etno-história obriga o historiador a recorrer a uma diferenciação de tempos da história e a prestar atenção especial aos fenômenos tradicionais cuja evolução só é perceptível na *longue durée*, ou seja, existe um diálogo necessário e duradouro.

Burguière (2013) também fala sobre a antropologia histórica, tema debatido e trabalhado entre os Annales, dizendo que graças a ela o mundo rural foi descoberto e reabitado. No contexto brasileiro, descoberto e reabitado é a história das pessoas negras, periféricas, dos LGBTQs, nordestinos, das mulheres e muito mais. Um movimento que começou do outro lado do globo ajudou a lançar luz em sujeitos antes esquecidos e a interdisciplinaridade esteve presente todo esse tempo, porém há quem entenda que ao longo da história dos Annales ela tenha tomado outras proporções.

A interdisciplinaridade renovada dos primeiros Annales teria sido deturpada e perigosamente exagerada pelos historiadores da Nouvelle Histoire, que com isto ameaçavam sacrificar a identidade da história e pulverizaram a produção historiográfica em uma quantidade desconexa de novos objetos e modalidades historiográficas, sem ligação umas com as outras (Reis, 2000, p. 188 apud Barros, 2010, p. 07).

Barros (2010) considera que a interdisciplinaridade é o maior traço de unidade entre as três gerações dos Annales e que a antropologia é a grande interlocutora que ocupou um lugar de destaque. Mesmo com isso, não deixa de ser importante citar os diálogos com filósofos que não necessariamente fizeram parte de alguma das fases da escola, mas que influenciaram no pensamento do grupo como por exemplo, Pierre Bourdieu e Michel Foucault.

Bourdieu escreveu sobre diversos temas em sua vida, largou estudos antropológicos na Argélia pela sociologia na França onde se dedicou a sua principal área de interesse, a sociologia da educação, traçando questões como reprodução social até hoje estudado com muito apreço. Burke (1987, p. 75) afirma que: "Historiadores de mentalidades, cultura popular e da vida cotidiana, todos aprenderam muito com a "teoria prática" de Bourdieu". Ele foi um influenciador de pensamentos e assim como os Annales teve trabalhos que ultrapassaram a barreira de uma única disciplina.

Já Foucault caminhou de perto com a terceira geração dos Annales. Com pensamentos à frente do seu tempo, esteve preocupado com uma filosofia de denúncia. Se aproximou e se distanciou da História das Mentalidades já que ela "procurava descrever a vida cotidiana de forma uniformizante, sem considerar os indivíduos e suas posições e grupos na "estratificação" social" (Matos, 2013, p. 80) enquanto ele preocupava-se em ir além, ao fundo do problema e compreender como as visões de mundo se modificavam. Enquanto os teóricos da Mentalidade buscavam compreender o pensamento de uma sociedade, Foucault interessava-se em saber como ele poderia ser mudado. Mesmo com essa distinção de pensamento, tanto Foucault quanto os historiadores da mentalidade abriram caminho para pesquisar em nosso tempo.

4. HISTÓRIA DAS MENTALIDADES E OS CAMINHOS ABERTOS

Enquanto Foucault estava preocupado com o movimento, os Historiadores das Mentalidades preocupavam-se com o que há de mais imóvel nas sociedades, mais estável. Em paralelo a esta característica, a interdisciplinaridade é marca desta corrente que também gerou bastante controvérsias e críticas. Para fundamentar a discussão sobre História das Mentalidades será utilizado o trabalho de um dos seus gran-

des representantes e célebre Annalista Jacques Le Goff em *As Mentalidades- Uma história ambigua*.

O termo Mentalidade pode ser um pouco complicado de ser entendido de imediato visto os esquemas mentais já presentes em nossos cérebros direcionam essa palavra para uma dimensão mais psíquica do que social. Mas o Mental é o que chamamos hoje de imaginário social, nomenclatura bastante utilizada nos estudos dos grupos que foram justamente visibilizados graças aos passos dados pelos antecessores da história das mentalidades. Compreender o imaginário social de uma época é precedente necessário para fazer uma boa análise dos acontecimentos.

A História das Mentalidade passou a ter mais espaço na historiografia francesa no final da década de 1960, período histórico marcado por efervescências sociais de base que ultrapassaram o território francês e ganhou destaque internacionalmente. Por discutir questões ligadas ao dia a dia e as representações, abriu novos campos de pesquisa nas áreas da vida privada, de sexualidade e de gênero, tido por alguns como microtemas, como se esse tipo de assunto fossem apenas pequenos recortes sociais e não compreendesse o todo dos acontecimentos. Daí a ideia de uma oposição entre a geração dos Annales, uma que buscava a história total e outra migalhas da história.

Le Goff retoma as palavras de Ernest Labrousse para explicar que "o social é mais lento que o econômico e o mental mais ainda do que o social" (LABROUSSE, 1962, p. *apud* LE GOFF, 1995, p. 69) já que se trata da parte da sociedade que mais demora a mudar. As lentas mudanças sociais lembram, de certa forma, o inconsciente coletivo de Jung por se tratar de uma região para guardar ideias pré-estabelecidas, os traços mais íntimos, informações e impressões herdados por nossas famílias e antepassados que ao mesmo tempo, é um campo fluido por permanecer recebendo impressões e informações haja vista que novos pensamentos e novas ideias estão surgindo na mente das pessoas. As mentalidades e o inconsciente coletivo custam demorar a mudar, mas mudam.

Marca dos estudos sobre mentalidade é a proximidade com outras ciências, afirmando cada vez mais seu caráter interdisciplinar. Se em Febvre a proximidade se deu com a geografia, por exemplo, Le Goff entende que o trabalho do historiador da mentalidade deve ser aproximar do etnólogo e do sociólogo, mas que também se encontra muito próximo ao psicólogo social. Ele acreditava tanto na importância das mentalidades que as colocava na responsabilidade de equilibrar a história por pensar haver uma espécie de insuficiência nela.

O homem não vive somente de pão, a história não tinha mesmo o pão, ela se alimentava senão de esqueletos agitados por uma dança macabra de au-

tômatos. Era necessário dar a esses mecanismos descarnados o contrapeso de outra coisa. Era necessário descobrir na história uma outra parte. Essa outra coisa, essa outra parte, eram as mentalidades (LE GOFF, 1995, p. 71)

Para essa redescoberta era necessário ir além das fontes já dispostas, os historiadores da mentalidade buscavam ousar ainda mais pois para eles: "Tudo é fonte" (LE GOFF, 1995, p. 75). Os documentos poderiam ser outros, não importa qual seja. Fazer seu inventário é a primeira tarefa para a execução de um trabalho nesses moldes. Le Goff entendia que trabalhar com essas novas fontes poderia ser um privilégio já que elas eram constituídas por documentos literários e artísticos. "História não dos fenômenos "objetivos" porém da representação desses fenômenos, a história das mentalidades alimentava-se naturalmente dos fenômenos imaginários" (LE GOFF, 1995, p. 76). O historiador sentia falta de uma certa subjetividade na história, achava que ela era muito pouco espiritual, falando sempre de leis e quase nada de ideias e costumes.

Tudo que fosse possível servir de fonte, poderia ser usado. Febvre dizia que "Indubitavelmente a história se faz com documentos escritos. Porém também pode fazer-se, deve-se fazer, sem documentos se estes não existem." (FEBVRE, 1953, p. 428 *apud* Matos, 213, p. 83). Indo um pouco mais longe em seu pensamento, o professor Giovani Levi (2014, p. 09) diz que: "a história não se faz com documentos, quero dizer que os documentos são mentirosos porque são sempre parciais. São sempre produzidos em atos de decisão e ação. Mas os homens são feitos de coisas que não são nem decisão, nem ação".

Para equilibrar o contraponto, Michelle Perrot (1994) fala sobre as novas fontes que precisaram ser buscadas para a escrita da história das mulheres e cita teses construídas com fontes judiciais, descritas no domínio da justiça. Para Le Goff (1995, p. 76), tudo que der acesso a testemunhos, serve, como por exemplo: "confissões de heréticos e processos de inquisição, cartas de remissão concedidas a criminosos que pormenorizaram seus crimes, documentos judiciais e mais comumente monumentos de repressão". Os efeitos das sugestões dos autores podem ser vistos em trabalhos brasileiros. Enquanto Perrot cita a tese da francesa, lembro o escrito de Raquel Soibet sobre *Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano* em que utilizou fontes judiciais para recontar uma história antes esquecida.

Assim como outros autores da escola de Annales abriram caminho para novas possibilidades de pesquisa, fazendo uma revolução historiográfica, os historiadores das mentalidades também contribuíram, ao seu modo, para a expansão dessas possibilidades. Deram um caráter mais subjetivo a história e reafirmaram a interdisciplinaridade tão necessária

à pesquisa em ciências humanas. Pensaram nas vicissitudes das lutas sociais, em algo essencialmente coletivo, nas lições que outras disciplinas podem ensinar. Tudo isso tem sua importância para a construção da História social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola de Annales surgiu com objetivos muito claros, fortes e pretensiosos. Conseguiram ir além. A revolução que Burke menciona recebe esse nome por atravessar tempo e espaço. Da França do começo do século passado ao Brasil periférico e atual, ajudando a recontar a história de grupos sociais que tanto precisam de espaço, de uma história para chamar de sua. Rebater a lógica da história tradicional de reprodução de conhecimentos apenas das elites foi uma corajosa missão que os fundadores dos Annales e todas as outras pessoas que fizeram parte desse movimento fizeram muito bem. Todas as críticas também são bem-vindas, fazem parte do mundo acadêmico e da elaboração de uma pesquisa.

Concluo este escrito com as palavras de Novais e Silva (2013, p. 146) afirmando que "é preciso dar direito de cidadania na história aos humildes ao lado da história dos poderosos". Para contribuir com tal feito, a pesquisa que por hora se inicia usará técnicas desenvolvidas para dar voz aos que já foram esquecidos como faz a história cultural se utilizando da oralidade, da memória e da afetividade das pessoas que hoje reivindicam lugar na história, por ser esse um direito humano e uma obrigação das pessoas que se dispõem a fazer ciências humanas.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Costa D' Assunção. A Escola Dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista História em Reflexão**, v. 4, n. 8, UFGD - Dourados jul/dez 2010.

BURGUIÈRE, André. Antropologia Histórica. *In*: BURGUIÈRE, André. (org.) **Nova História em Perspectiva**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. p. 140- 153.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1997.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos "Annales" à "Nova História"**. São LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. *In*: LE GOFF, Jacques. A história nova. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

DOSSE, François. As mentalidades: uma história ambígua. *In*: LE GOFF, Jacques. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.

DOSSE, François. Prefácio a nova edição. *In*: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

LEVI, Giovanni. O Trabalho do Historiador: Pesquisar, Resumir, Comunicar. **Revista Tempo**, v. 20, p. 1-20, 2014.

MATOS, Júlia S. Da Escola Dos Annales à História Nova: Propostas para uma Leitura Teórica. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, v. 4, n. 1, jan./jul. 2013.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns Apontamentos sobre História Oral, Gênero e História das Mulheres**. Dourados: UFGD, 2014.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. & VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. 7 ed. Rio de Janeiro. CAMPUS, 1997.